

## Jornada 17 | EVOcando OUREANA Seiça » Santuário de Fátima

A décima sétima jornada do Caminho **começa em Seiça**, junto da igreja Matriz (Rua da Igreja) e **termina no Santuário de Fátima**, junto da Capelinha das Aparições. Tem 23 km de extensão, que podem ser percorridos em cerca de 6h, ao longo de um **percurso misto**, formado por caminhos pedonais, estradas locais e municipais e pequenos troços da estrada nacional. A topografia é muito variada, com predominância de áreas planas e alguns troços em terreno íngreme, com altitude máxima de 350 m. Assim, o último dia é **difícil**, sobretudo porque exige algum esforço físico e, sobretudo, muita atenção na passagem por áreas urbanas densas (travessia da cidade de Ourém e chegada à Cova da Iria na envolvente do Santuário), de modo a garantir a devida segurança.

Esta parte do Caminho enquadra-se na Região Centro, no Município de Ourém, no **território montanhoso, árido e belo da Serra de Aire**. A nível climático paisagístico e ambiental, é uma característica zona de transição entre o Atlântico e o Mediterrâneo. Predominam **serras calcárias e encostas rochosas**, junto das quais emergem **pequenos vales e covas**. Em muitos aspetos, esta é a paisagem e o habitat que os pequenos pastorinhos de Fátima conheceram e viveram. Com a presença de formações geológicas e fósseis que se remetem a milhões de anos, por aqui **natureza e vida são indissociáveis**. A par de uma imagem de **ruralidade** marcante, existem **centros urbanos**, que se desenvolveram em virtude de funções administrativas (Ourem) e religiosas (Fátima).

O **Património Cultural** é valioso e diversificado. Um **castelo** com as suas muralhas, **igrejas, museus**, monumentos são tão importantes como os **lugares de memória** que evocam figuras e acontecimentos, nomeadamente os que se relacionam com as aparições de Fátima. Mas, o **Património Imaterial** exprime valores associado à **relação entre culturas, povos e religiões**, que, desde tempos remotos, a história regista e a tradição preserva e reaviva. A **lenda de Oureana** remete-se à coexistência e **convivência entre cristãos e muçulmanos**,

nos séculos XI e XII, neste que foi um território de **cultura moçárabe**. Relata-nos a história de amor entre o cavaleiro templário e poeta cristão Gonçalo Hermingues e Fátima, a bela muçulmana, filha do emir mouro, que, pelo casamento, tomou o nome cristão de Oureana. Para além das circunstâncias históricas e da construção da lenda, são nomes enraizados na toponímia local de Ourém e Fátima.

Durante esta última jornada, o Caminho inscreve-se totalmente em **território do Município de Ourém**, onde a geografia e a história nos remetem para épocas recuadas. Depois de sair de Seiça, percorre cerca de 1 km da Estrada Nacional e desvia-se para caminhos locais em zonas arborizadas. Contorna a aldeia de **Coroados**. Continua entre bosques e passa em **Vale Travessos**, junto da **Capela de Nossa Senhora do Livramento** (Largo de Nossa Senhora do Livramento) e próximo da Quinta da **Casa Velha** (Rua da Escola), um espaço rural dedicado



à natureza. Pouco depois da passagem superior sobre a IC9, entre na Rua das Achadas e continua pela Rua da Fonte do Carriço, onde o cenário é campestre.

Ao longo da Rua das Passadeiras, começa a entrar progressivamente numa área urbana. Está na cidade de **Ourém**, cujo nome a tradição associa à lenda de **Oureana**, que nos remete para a presença da cultura moçárabe na Serra de Aire, durante os séculos X a XII. A lenda foi transmitida oralmente até ao século XVI, quando Frei Bernardo de Brito, cronista dos Monges de Cister a registou.

Conquistada aos mouros em 1136 com a ajuda dos **Templários** e integrada no Condado Portucalense, **Ourém foi terra senhorial**, doada pelo primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, a sua filha D.<sup>a</sup> Teresa, que veio a tornar-se Condessa de Flandres e, mais tarde, Condessa de Borgonha. Foi D.<sup>a</sup> Teresa quem atribuiu **foral em 1183**. No século XIV, o Rei D. Fernando criou o **Condado de Ourém**, incluindo terras e bens. O Condestável D. Nuno Álvares Pereira foi o terceiro Conde de Ourém. Esta ligação à **Casa de Bragança** ainda hoje se mantém.



A primeira povoação formou-se no lugar altaneiro onde hoje se localiza a **vila medieval**, com **Castelo e Paço** e as poderosas **muralhas** que protegiam moradores. Nesta passagem pela cidade, pode avistar o **conjunto monumental** que se encontra classificado como **monumento nacional**, mas, se o seu interesse o motivar, pode subir a colina e conhecer um dos mais impressionantes conjuntos do património histórico e artístico. Sede do município onde se enquadra o Santuário de Fátima, Ourém está profundamente ligada à memória dos Pastorinhos de Fátima. Logo à entrada da cidade, surge, à direita, o **Cemitério Municipal** (Rua de Nossa Senhora de Fátima), onde o **Memorial Jacinta Marto**, evoca, desde 2008, a pequena pastorinha que ali esteve sepultada antes de o seu túmulo passar para a Basílica de Nossa Senhora do Rosário no Santuário.

No percurso do Caminho, já no centro da urbe, encontra o **Museu Municipal**, um museu polinucleado, do qual faz parte a **Casa do Administrador**, uma habitação tradicional, onde, em 1917, o administrador do concelho interrogou os pastorinhos. Hoje, é um espaço expositivo dedicado a temáticas relacionadas com as vivências dos pastorinhos e ao contexto histórico local. Bem perto (Praça da República), fica a **Igreja Matriz** ou





antiga Colegiada de Nossa Senhora das Misericórdias, um conjunto monumental, onde também se integra o túmulo de D. Afonso, Marquês de Valença e 4.º Conde de Ourem, obra de referência da escultura tumulária do século XV.

Saindo da cidade, o percurso segue por trilhos e caminhos locais, atravessando campos e aldeias. Pode deitar-se no **Zambujal**, onde o Parque de Lazer convida a retemperar forças para algumas subidas que se aproximam. Ao atravessar aldeias como **Vale da Perra** e **Alvejar**, pode encontrar ambiências e vivências tradicionais desta zona da Serra de Aire.

Depois de caminhar, durante algum tempo, num cenário completamente rodeado por arvoredos, encontra a **Igreja Paroquial de Fátima** (Rua do Adro), onde foram batizados os Pastorinhos. É um templo dedicado a Nossa Senhora dos Prazeres, que no século XVI se desmembrou da Colegiada de Ourém e se transformou em sede de paróquia. Rodeada pelo adro, tem a torre sineira incorporada no centro da fachada. No interior, a capela

com a **pia batismal** é um lugar de memória associado aos pastorinhos.

Continua até **Aljustrel**, a antiga aldeia, **onde os Pastorinhos nasceram e viveram**. A alguns metros do percurso, fica a **Casa de Francisco e Jacinta Marto** (Rua dos Pastorinhos), onde os dois irmãos videntes de Fátima viveram com a sua família. É hoje um espaço museológico de tipo etnográfico. Também nesta aldeia, mas em sítios mais afastados, ficam dois locais associados às aparições (Loca do Cabeço e Valinhos).

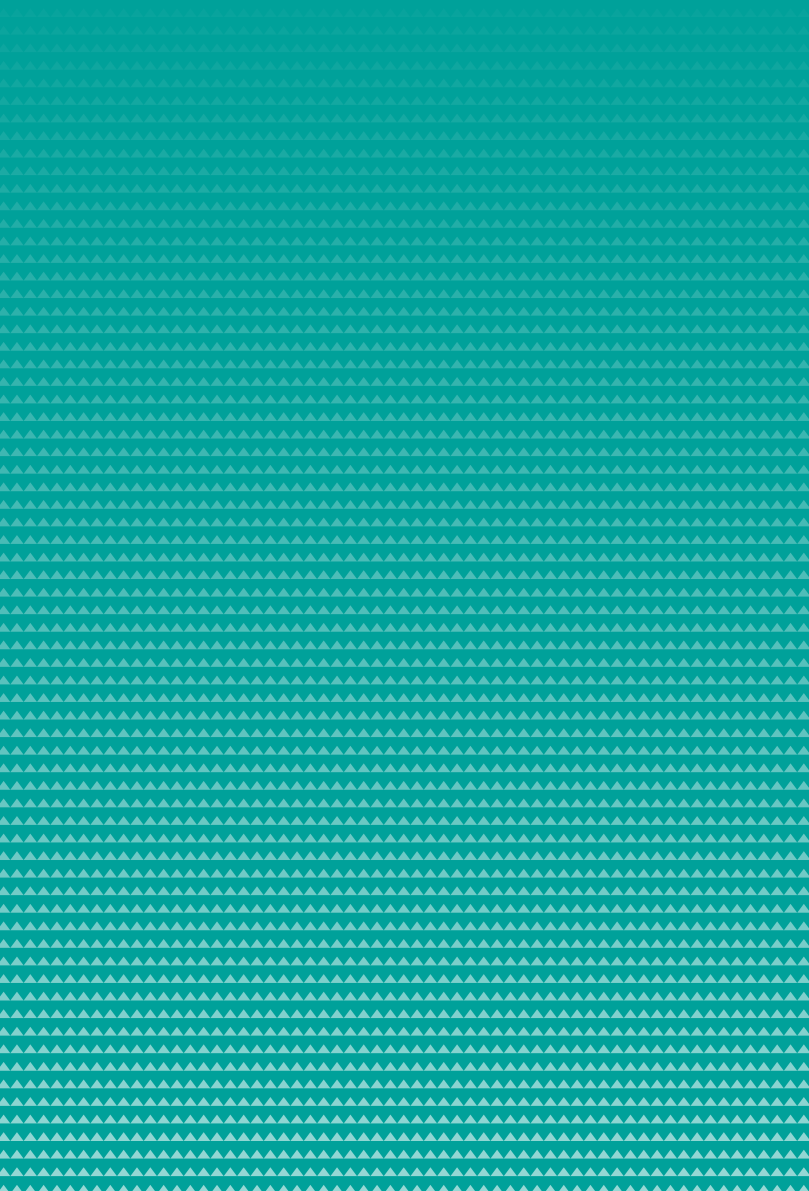
Seguindo pela EN317, aproxima-se da **envolvente do Santuário**. Depois de passar pela Rotunda onde se ergue o **monumento evocativo dos três pastorinhos**, continua pela mesma via, já com áreas pedonais.

Ao chegar à Basílica da Santíssima Trindade, vire à direita e entre no **Santuário de Fátima** e dirija-se à **Capelinha das Aparições**, local onde terminam todos os Caminhos de Fátima.



➔ 39°37'53" N 8°40'23" W

# Santuário de Fátima







## LUGAR DE PEREGRINAÇÃO E ESPAÇO DE ARTE

Os Caminhos e os seus itinerários levam-nos até **Fátima**, em espírito de verdadeira peregrinação. A chegada ao **Santuário** é o momento de encontro com um lugar emblemático, onde religião e arte se entrelaçam.

O Santuário ergue-se no sítio da **Cova da Iria**, local das aparições da Virgem aos três pastorinhos, em 1917. Neste território ermo e povoado por oliveiras e azinheiras, ergueu-se o santuário e desenvolveu-se a cidade de Fátima, cuja história é indissociável da história das aparições e da construção do santuário.

### AZINHEIRA

Em pleno Maciço Calcário, a Cova de Iria tem um clima mais húmido do que a restante serra, mais árida. Foram essas particularidades que permitiram que em Fátima se desenvolvesse uma magnífica moldura vegetal e um coberto arbóreo distinto, um pulmão verde no qual se destacam as Azinheiras.

Estas árvores, altamente resistentes, adaptam-se às modelações do relevo, numa sucessão de depressões que configuram as covas, característica da paisagem do Planalto de São Mamede. As condições edafoclimáticas modelaram a importância científica da espécie botânica, que povoa a paisagem envolvente, onde se erguem estas árvores antiquíssimas, bem enraizadas no solo. Com troncos robustos e amplas copas, matizam a paisagem de cores diversas, ao longo do ano, conferindo uma virtualidade estética inesgotável ao território.

Foi neste ambiente, marcado por uma natureza agreste e bela, e sobre uma destas azinheiras, que os três pastorinhos (Jacinta, Francisco e Lúcia) testemunharam a primeira aparição da Virgem, em 1917. Desta paisagem antiga, preserva-se hoje no recinto do santuário uma grande azinheira, junto da capelinha que foi construída

no local das aparições onde antes se erguia uma pequena azinheira.

Ponto de encontro de peregrinos e visitantes, lugar de fé, o Santuário é também um lugar onde a arte tem espaço próprio e se exprime.

O **Santuário** é configurado por um conjunto monumental constituído pela **Capelinha das Aparições** (construída em 1919), pela **Basílica de Nossa Senhora do Rosário** e pela **Igreja da Santíssima Trindade**.

A **Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima** e a **Igreja da Santíssima Trindade** possuem discursos arquitetónicos e estéticos diferenciados. A sua organização espacial, em dois planos opostos, permite criar o grande recinto de oração onde se reúnem milhões de peregrinos. No ponto visível para toda a multidão de peregrinos, destaca-se a **Capelinha das Aparições**, protegida pela grande galeria coberta, deixando visível um local de oração e de importantes cerimónias religiosas.



**CAPELINHA DAS APARIÇÕES** desempenha o lugar da experiência sagrada e congregadora do Santuário de Fátima.

Construída em 1919, a pedido da Virgem Maria durante uma das aparições às três crianças, aqui foi celebrada a primeira missa em 1921. No ano seguinte, a 6 de março, foi destruída por uma bomba e, logo de imediato, reconstruída. É um edifício muito simples, com uma dimensão plástica e arquitetónica destinada a congregar os fiéis e os peregrinos em torno de um espaço de oração com uma visão dirigida para o ponto focal das aparições.

No centro da capelinha, a Virgem de Fátima assinala o lugar da azinheira das aparições, desaparecida por ter sido levada, ramo a ramo, por fiéis e crentes.

As intervenções arquitetónicas, a partir da década de 1980, incorporam uma estrutura alpendrada que protege a capelinha e todos aqueles que aí se congregam para as cerimónias privadas e públicas de oração e fé.

Arquitetura e Arte estão presentes em todo o **Santuário**, denotando uma relação requintada e sofisticada. Respondem às exigências do lugar, do clima, dos materiais, mas principalmente da atitude espiritual que as diversas artes potenciam e refletem.

A **Basílica de Nossa Senhora do Rosário**, com projeto de Gerardus Samuel van Krieken (1864-1933), iniciou-se com o lançamento da primeira pedra, a 13 de maio de 1928. A sagração do templo ocorreu a 7 de outubro de 1953. A fachada da Basílica é precedida por imponente escadaria que se prolonga numa colunata, da autoria do arquiteto António Lino (1909-1961). Na sua estrutura formal, basílica e colunata abraçam o amplo recinto de oração, num anfiteatro aberto ao mundo, destinado à promoção espiritual e à participação da assembleia.

O conjunto escultórico da colunata (executado a partir de 1953) expressa a criatividade dos escultores Álvaro de Brée (1903-1962), António Duarte (1912-1998), Leopoldo de Almeida (1898-1975), Salvador Barata Feyo (1899-1990),



Domingos Soares Branco (1925-2013), Maria Amélia Carvalheira (1904-1998), Sousa Caldas (1894-1965), Vasco Pereira da Conceição (1914-1992), Irene Vilar (1930-2008), José Manuel Mouta Barradas (1960) e Vítor Godinho Marques (1964). A escultura que representa o **Imaculado Coração de Maria**, colocada no centro da fachada da basílica a 13 de maio de 1958, é uma obra da autoria do escultor e frade dominicano Thomas MacGlynn (1906-1977).

No interior do templo, as obras de arte são igualmente representativas. Maria Amélia Carvalheira (1904-1998) é autora da escultura de São Domingos de Gusmão. Martinho Felix de Brito criou as de Santo António Maria Claret e de São João Eudes e António Amaral Paiva a de Santo Estêvão da Hungria. A representação dos pastorinhos ficou a cargo de dois escultores contemporâneos. José Rodrigues concebeu a de São Francisco Marto e Clara Menéres a de Santa Jacinta Marto.



Os 14 bronzes dourados dos **Mistérios do Rosário**, da autoria de Martinho de Brito, apresentam espontaneidade emocional e coerência da linguagem plástica.

O alto-relevo da abóbada da capela-mor é da responsabilidade de Maximiano Alves (1888-1954), os vitrais dos altares laterais que traduzem a ladainha de Nossa Senhora foram desenvolvidos por João de Sousa Araújo (n. 1929) e os 15 painéis em mosaico são da autoria de Fred Pittino (1906-1991).

No recinto do **Santuário**, ergue-se o **Presépio**, realizado, em 1999, pelo escultor José Aurélio (1938) para este espaço exterior, numa linguagem moderna, plena de simbologias e referências iconográficas. Em chapa de inox, formando uma secção triangular alongada, com 5 metros de altura, configura um anjo com asas levantadas, acolhendo e anunciando o nascimento de Jesus.





A **Igreja da Santíssima Trindade**, inaugurada a 12 de outubro de 2007, abriu um novo diálogo de convergência e de comunidade, convidando à meditação, oração e comunhão. O projeto, da autoria do arquiteto grego Alexandros Tombazis (n. 1939), incorporou contributos artísticos nacionais e internacionais, estabelecendo uma articulação consciente entre arquitetura e arte.

As obras de arte do novo templo foram confiadas a criadores de referência em diversas áreas da produção artística contemporânea. Álvaro Siza-Vieira (n. 1933) pintou o painel de azulejos dedicado aos Apóstolos Pedro e







Paulo, colocado no piso inferior da igreja. Pedro Calapez (n. 1953) criou o pórtico principal. Francisco Providência (n. 1961) desenhou o nome dos Apóstolos a que são dedicadas as portas laterais do templo. O canadiano Joe Kelly gizou a parede frontal de vidro serigrafado em inúmeras línguas. O esloveno Ivan Rupnik criou o mosaico em folha de ouro, a Nova Jerusalém do Apocalipse de São João, que guarnece a parede do Presbitério. A irlandesa Catherine Green concebeu o grande crucifixo de bronze que se suspende sobre o altar. O italiano Benedetto Pietroggrande esculpiu, em mármore de carrara, a imagem de Nossa Senhora, para o Presbitério. No exterior, a Cruz Alta do Santuário de Fátima foi construída pelo alemão Robert Schad e o polaco Czeslaw Dzwigaj realizou a estátua monumental do Papa João Paulo II.

